

Dossier - Iraque

A transição no Iraque

Entrevista a Kamil Mahdi

Kamil Mahdi, exilado político iraquiano, professor de Economia do Médio Oriente na Universidade de Exeter, no Reino Unido, respondeu a questões de *O Mundo em Português* sobre o Iraque no pós-guerra.

A transição no Iraque

Kamil Mahdi, exilado político iraquiano, professor de Economia do Médio Oriente na Universidade de Exeter, no Reino Unido, respondeu a questões de *O Mundo em Português*, sobre o Iraque no pós-guerra.

O Mundo em Português – Acredita num governo de transição no Iraque depois do conflito? Qual será a sua natureza?

Kamil Mahdi – Depende inteiramente do progresso do conflito. A resistência ainda pode durar algum tempo, pode haver intervenção de países vizinhos e conflitos internos. Podemos nem sequer chegar a falar de governo de transição, pois podemos não saber o resultado da “transição”. Por outras palavras, existe o perigo de fragmentação e de um conflito prolongado. A única forma de evitar este cenário é manter uma forte força centralizada por muito tempo. As forças estrangeiras vão continuar durante muito tempo a enfrentar resistência, mesmo depois do colapso do regime. Por outro lado, a resistência vai provavelmente concentrar-se em alvos "soft". Pessoal de empresas petrolíferas estrangeiras, ou de outras empresas, e funcionários governamentais podem ser alvos, ainda mais do que os militares, aquartelados em campos protegidos. Parece que um governo estável ainda está a grande distância. Os EUA cometeram graves erros de cálculo. Já parece que não pode haver, simultaneamente, uma vitória militar e uma vitória política. Agora, espera-se que os líderes militares lutem e os que o não fizerem terão pouco credibilidade no período subsequente. A liderança externa, incluindo os antigos funcionários governamentais, está, na sua maioria, desacreditada. Será, assim, difícil criar um governo pós-Saddam estável. A guerra dos EUA e do Reino Unido deu a Saddam a legitimidade que a sua liderança não tinha aos olhos de muitos iraquianos, mesmo quando

o regime parece estar à beira do fim. Se, por outro lado, a resistência acabar muito mais depressa do que agora parece, existe a possibilidade de um regime militar-tecnocrático, sob os auspícios da ONU, num período de transição, com um estatuto especial para a região curda. Tal regime terá enormes problemas e precisará de alcançar sucessos políticos reais muito rapidamente se se quiser que seja estável. Os políticos estrangeiros que têm estado associados com o lobby a favor das sanções e da guerra terão que assumir as suas responsabilidades por tal regime.

MeP – Qual será a importância, neste contexto, de ter as Nações Unidas como parte da administração transitória? Que papel poderão os EUA desempenhar? E a União Europeia?

KM – Qualquer acordo realista deve incluir um papel para as Nações Unidas, bem como para outros actores que não os EUA. O Iraque pode ser um teste para que a Liga Árabe adquira uma substância real. Esta organização não tem credibilidade, porque a vontade colectiva oficial árabe é fraca. Se, no entanto, a comunidade internacional vir a necessidade de um envolvimento regional, este será a única estrutura legítima, e a Liga pode traçar um papel para si própria, ao lado das Nações Unidas e da União Europeia. De forma semelhante, seria importante um empenhamento islâmico. A presença de alguns especialistas árabes nas equipas de inspectores teve uma grande importância simbólica. Neste preciso momento, a questão parece ser se alguém, para lá dos EUA, terá um papel no controlo da transição para uma futura estrutura política legítima. Este parece-me ser um mal-calculado, grandioso e imperial *wishful thinking*. Os Estados Unidos não estão a ser recebidos com flores, como alguns políticos claramente esperavam que fossem.

MeP – Quais são, na sua opinião, os cenários políticos mais prováveis para o Iraque após a transição?

KM – A questão mais importante, no momento, é a garantia da independência e da integridade nacional do Iraque. Para além disso, é necessário um acordo especial para a zona curda, bem como o efectivo envolvimento dos curdos na política nacional. Mas, isto também requer a resolução de conflitos intra-curdos, que costumam reaparecer periodicamente. É importante que a integração política dos curdos não seja feita somente através da liderança tradicional, que teria interesse na manutenção de alguma tensão. A questão curda remete para outras questões comunitárias e de facções – uma caixa de Pandora, a menos que a questão curda seja tratada como excepção. A natureza destas políticas comunitárias e de facções é, em muitos casos, elitista, e encobre questões

políticas, sociais e de classe nacionais. No Iraque, estas têm sido, historicamente, os propulsores políticos e ignorá-las é falhar. O discurso da “oposição” exilada não inclui uma palavra sobre isto. Acordos constitucionais específicos, que satisfaçam as preocupações de uma elite desenraizada mas ignorem as questões mais relevantes não poderão durar.